A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Manoel & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclamações a preços convencionais.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600
Brazil, semestre	700
Avulso	20

A OBRIGA

LEI ELEITORAL

N'uma das derradeiras sessões do periodo parlamentar, ora findo, o deputado João de Menezes apresentou um projecto de lei eleitoral, projecto que pela sua importancia adiante publicamos, transcrevendo-o integralmente. Vale a pena lê-lo, pois que é uma das couzas que mais a serio mereça a atenção social — Leis Eleitorais — e porque, alem disso, a sua redacção é perfeitamente democratica, moderna, no sentido de completa, e porque como garantia das indicações do eleitorado e seriedade da eleição o projecto é excelente.

A Camara dos Deputados enviou-o para uma das suas abundantes e intermináveis comissões de estudo e oxalá que, na primeira quadra parlamentar, seja o trabalho do deputado republicano tratado como o merece todo o concurso civico honesto, bem intencionado e inteligente. Oxalá, para desmentido perfeito d'um palpite nosso que nos segreda, escarinhamente, que tal não será: — porque não possa ser no estado monarchico.

Seja como fór, porem; e não nos antecedamos com profecias; seja como fór, todos os partidos monarchicos teem o dever moral e o dever partidario postos á prova no caso. Todos os partidos monarchicos — todos. Mesmo o nacionalista. Até esse. Incluído o franquista! Esse tambem!

Nenhum partido monarchico, da actual lei eleitoral tem dado boas noticias — chamam-lhe... a ignobil porcaria. Nenhum teve ainda até hoje, a corajem de defendê-la como obra digna.

Para eles, como para nós, a classificação sintetica de tal lei é um termo pejorativo — ignobil porcaria; para elles, como para nós, a conclusão analitica a que a lei em bom sentido se presta — é a de — gazuza governamental.

Eles os primeiros a reconhecer-lhe os defeitos, eles, melhor que ninguem, por mercê do uzo venal, sabem-lhe as manchas e as portas falsas. Eles não hesitam em a tornar responsavel por quantos abuzos, quantas escamoteações e quantos delictos pejam a historia eleitoral portugueza nestes ultimos anos de bragantismo arranjista. Somente, por uma aberração peculiarista do nosso meio politico, esses defeitos e esses vicios da «ignobil famosa» elles os catam, apenas, quando roem as ostras e o coiro da opposição lazeirenta. Somente, então, como o Job da Biblia, olham em si e se veem meios do arroxado pus da se vermeina. Mas, não importa.

Reconhecem-a, tal qual como o coito imundo da reacção catolico-monarchica e pari ao mundo: monstrozinho de odiosa exceção, de miseravel espirito de defeza monarchica.

Como lei — não é equitativa, não é séria, não dá segurança ao eleitor; não se aproxima das reclamações do momento, em pleno triumpho das sociedades que valem. Como lei, apenas tem uma mira — defender a coroa, um fim apenas — comêr o povo. Teem dito assim ou por outras

palavras com este sentido, de tal lei trapaceice, os monarchicos? Teem.

Não um. Não uns. Quaze todos. Nas afictas horas de fraqueza, nos momentos de apuro e de confissões.

Portanto, quem lhes disser que a logica das coizas os deve colocar no mesmo terreno de João de Menezes — substituição da actual lei eleitoral —, quem tal lhes disser não torce o rigor da veracidade — bate-lhes á porta, da estrada reta.

Quem tal lhes disser, em suma, lembra-lhes a ezequição d'um principio por eles proprios estabelecido. Mas, se quem tal lhes disser os acreditar capazes, espontaneamente, d'esse movimento honesto de coerencia, se esse tal os acreditar, assim, é porque não tem memoria ou tem boa fé a mais. Os partidos monarchicos portuguezes vivem de contradictar e de combater, na pratica, as suas afirmações de palavra, e não iam, agora, emendar a mão para suprimirem uma lei má que os leva ao poder, substituindo-a por uma boa lei que os levasse... ao ôlho da rua.

Não, senhores. O «projecto de lei» de João de Menezes não sofre comparação com a porcaria que está, — é certo; porem o «projecto» de João de Menezes, certo é que a ser lei do reino, faria subst tuir ao capricho ou ás conveniencias do Paço e do ministerio do reino, a vontade e o querer social. Ora isso era uma funestissima troca. Ora isso é o que não convem. E como as coizas são o que são, e nunca o que nosso desejo conta, não será demais aferrarmos-nos ao palpite de que o projecto e proposta de Lei Eleitoral de João de Menezes, ficará a dormir toda a eternidade que dure a comissão — que o foi estudar!...

Estudar!...

Pois não foste!

Antonio Valente.

Num parlamento manuelino

A ação republicana

Este pavoroso fim de desmanchar de feira que estendeu alem do razoavel e com claro gravame o trabalho parlamentar, é um dos espectaculos mais degradantes e mais nojentos a que por dever de critica, quem escrevinha para o grande publico, tem o sestro máo de assistir.

O parlamento, adiado prejudicialmente, havia sido convocado, aos calores do verão e ao bater da quadra termal, para decidir das grandes questões que interessam e importam á vida nacional, e tinha, aproveitando bem todo o tempo, larga e momentozissima tarefa a que se entregara; discussão dos actos da ditadura, do convenio Lourenço Marques-Transvaal, dos adeantamentos: tinha a pronunciar-se, expressivamente, sobre lejislação social, religioza e politica, abrangendo todo um scopo fundamental de reformas; tinha que atender e tratar assumtos de ordem economica jeral — o orçamento; e devia, por um esforço bem dirigido e louvavelmente intencionado, procurar barreiras atáveis a que nos possederemos ainda até a nevisão de desastres, ou d'uma liquidação de crise — factio tão possivel, que já en-sombra o nosso horizonte de inquietudes e terrores.

Pois que para isso ou isso sendo invocado, ia reunir-se, futuramente, colaborando com o eze-cutivo; e pois que a pretexto de preparação e estudo, por banda do governo, recentemente chamado, havia sido, inconstitucionalmente, determinada uma folga no funcionamento regular das côrtes.

Mas, como sempre sucede n'esta monarchia de comedia burla, iria dar-se, precisamente, o avesso d'aquillo que as circunstancias, os interesses nacionaes ezijiam. Assim, dando razão aos descrentes, o orçamento... seria apresentado no fim dos trabalhos parlamentares, na hora propicia da ezaustividade, para ser votado sem estudo, sem preparação, sem discussão; aprovado de afogadilho como se fóra uma moção de confiança a qualquer rejedor da grei; a questão dos sanatorios da Madeira seria apresentada na ponta das bocas de fogo dos couraçados jermánicos, para assim o governo e os cumplices tirarem ao zé contribuinte a vontade de recalitrar e fazer questão; a do convenio de Lourenço Marques abafariam nos votos ferozes d'uma maioria de senhores compadres, á da questão religioza dariam o tratamento de igual desplante; e n'um parlamento que é uma ficção escandalozamente cara e insignificativa só houve tempo, importancia e oportunidade para questões d'uma argola á porta do influente, e d'uma ferraria no alpendre do apadrinhado. Projectos de conveniencia particular, onerosos, todos, para o tezouro; odiozoz, todos, pelo fundo de desigualdade e injustiça que são; projectos desses poucos rejeitou um tal parlamento. E muito mais seria, muito mais grave e pezado se tornaria o escandalo, se não houvessem na camara — republicanos. A enxurrada varreu aquillo de lez a lez, mas á ação parlamentar republicana, apesar de minoria fraquissima, deve o paiz que lhe não saisssem dos bolsos umas centenas boas de contos.

Na questão Bousquet impediram os republicanos que se praticasse um saque de mais de duzentos contos; na questão do contrabando do açucar lançaram elles a voz de «Alerta!» pelos trezentos contos que escapam á alfandega. Todos os projecticulos, todos os aumentos de despeza sofreram a sua impugnação insistente, infatigavel; todo o castelo de carias do suborno monarchico e da mystificação economica do rejime elles a puzeram em evidencia, fazendo re-uar, mais d'uma vez, os apressados e insaciaveis roedores do tezouro publico: — como no caso dos adeantamentos. N'um parlamento venal de mediocracia, petulante e ôca, eles defenderam o pobre contribuinte, evitando, algumas vezes, a votação de propostas de escandalozissimo agravamento das despesas; e tiveram a firmeza de não figurar como comparsas em mystificações como o da indemnização dos sanatorios; e em burlescas a absolvição do orçamento. Estavam no seu papel — poderá dizer-se; faziam a sua politica — acrescentar-se-ha. Pois sim — faziam. E meritoria, e louvavel politica é aquela que vijilantemente defende a nação dos seus incorrijiveis defraudadores; aquela que pugna pelo bem da patria e não pelos lucros d'uma quadrilha.

E' a unica politica digna — e foi no parlamento, inflectivelmente — toda a actividade republicana.

ECHOS DA SEMANA

A Espanha fanatica

Em Portugal, como em toda a Europa, sobe a maré viva de protesto e repulsa contra a Espanha monarchica e fanaticamente clericalista.

A prisão de Ferrer, a ameaça suspenção sobre a cabeça do grande e nobilissimo cidadão, acenderam, em toda a parte, as irreprimiveis e dignificantes coleras do pensamento livre e justo. Lembra-se que a Espanha de reis e frades é o Entro de intolerancia, ainda saudozo dos quemadveros em que sofreram innocentes mulheres, creanças, e inofensivos humehes sem macula; evoca-se a negra figura dezenhada sobre a Catalunha dessa maldita Bastilha catolico-monarquica, o carcere infame de Montjuich. Que de crimes, que de atentados sinistros, sob aquelas paredes lobregas, e quantas vezes, ainda, n'aquella Espanha de arena y sangue a justiça barbara e revoltante da força e do fusilamento nivela no mesmo ergastulo o ladrão assassino e o Paladino da Paz Humana! Quantas vezes a purpura real e a lhama cardinalicia, lá, se banqueteam sobre os cadaveres do inimigo comum, que é o homem liberto de aviltantes e desacreditados dogmas!

Quantas vezes!... Ainda agora na repressão dos acontecimentos de Barcelona não é a justiça — é o odio selvajem, ferino, quem dita as sentenças, quem faz detonar as Mauzer. E na prisão de Ferrer só o odio, só a sede catolica de vingança é que obraram e se fizeram esbirros. Escolas, homens, ideas, principios, tudo o que é respeitavel, porque é verdadeiro e sincero, tudo sobre a montaria desvirada dos devotos e dos defensores do rejime. Follismente que se dezenha, universalmente, o protesto; ferismente a re-provação parece tornar-se tão reciziva que Maura, como o governo russo perante Gorki, terá d'esta vez de largar a preza.

Principes gregos

Sem calembourg, dos principes Nicolau, André e Christophoro, illustres filhos da casa real, pode dizer-se que na Grecia, sua patria, se veem gregos.

O caso vem da revolta militar de Athenas, imposição pelos revoltozos aos principes reaes de abandonarem os grandes postos do exercito; d'esse exercito, que, na linguagem rude da insubordinação, era mais um joguete dos interesses e parcialismos dinasticos do que o corpo forte e armado para a defensão do paiz. Lá, por serem filhos de rei, não davam provas de capacidade, nem de intelligencia, nem de equanimidade; de coizissima nenhuma que não fosse servirem-se a si e á compadria, e para isso o exercito grego entendeu o melhor despedil-os. Entendeu-o e fel-o sem hesitações, nem meias medidas; — invocando, e sem ezajero, a chamada — salvação publica. E' o espirito novo, a soprada da Grecia, até de lá, desta feita... Porque a decizão dos militares gregos, cuja situação em outros paizes tem equivalencia, sendo tumultuaria

foi justa. Assim o ezemplo venha a pegar em terras que sofram do mesmo cancro... chiton!

Escorregando

De ha tempos, que misteriozos e singularissimos larapios se entregam a uma profissão sportiva, mais que suspeita. Entram em caza do cidadão, não roubam, remechem armarios, gavetas, bahus, á cata de papeis; escrevinham com a tinta e com o papel e a pena dos proprietarios do domicilio violado, e finda a tarefa d'escapulem-se, que ninguem nunca os agarra. Não procuram para o seu esporte curiozo senão a caza dos republicanos ou a dos monarchicos inscritos no Livro Negro, e a policia importa se tanto na investigação do delicto que mais parece feita no caso do que a vijilante e fiel da segurança publica. Extranhos cazos que na verdade lembram a Russia, lá onde os espíozes da auto-cracia lançam mão d'esse e de outros reles recursos, no seu mister tenebrozo. Vamos por belo caminho, que a companhia é brilhante...

Rei chegou

Está em Portugal João Franco — que vem de vez. Teve ou terá qualquer dia um encontro com D. Manoel e com D. Amelia, o parlamento encerra-se sem o condenar na sua obra ditatorial, e já os seus sequazes, em plena camara dos deputados, lhe ezalçam a obra infame.

Paralelamente prometem entrar num periodo de luta ativa, o que tudo somado e medido nos apossima dos tempos do... «Rei chegou».

Vae bem, esplendidamente bem — tudo isto.

Para a bancarrota

Um deputado monarchico dos mais graduados, declarou famoso do orçamento, declarou alto e bom som que caminhamos, em acelerado, para uma nova bancarrota.

Tem especial autoridade o declarante, e a posição que ele ocupa na sociedade politica que explora o paiz maior relevo dá á informação. Caminhamos, pois, para a bancarrota. E como nada ha, já, que empenhar, naturalmente teremos de dar-nos nós proprios — como caução.

Muito bem. Em nota á marjem, contudo, advirta-se que a bancarrota que nos espera foi preparada pelos monarchicos, devida á sua administração criminoza; e lembre-se que em 1891 quando tivemos aquelle celebre, concordaram os mesmíssimos monarchicos de hoje em que a haviam feito, e prometeram — mudar de vida.

Mais se note que, se estamos em vesperras de bancarrota, os mesmos snrs. monarchicos sem escrupulo, sem juizo, sem honestidade, não tratam senão de agravar a situação do tezouro, atirando ao ventre do devorismo todas as migalhas que restam. E, como conclusão, elucida-se que quem paga as bancarrotas são as nações e não os reinantes. Quando Portugal se tornar o que é hoje o Ejito, uma propriedade pura e simples do capitalismo internacional, e a nação com a independencia tiver tudo tomado e perdido, a casa real nada terá de perdido nem no

ceremonial nem no privilegio da fortuna.

E' duro de roer—mas é assim o mundo.

Uma bucha

O governo lá apanhou, d'aquelle ezeplio de bons parlamentos, a autorização de emitir mais uns milhares de contos... de titulos da divida interna.

O papel, mesmo com uma estampagem chic, é um artefacto barato, e torna-se negocio de um por milhão quando é cambiado nas bolsas por dinheiro do contribuinte. Arranja-se assim para uns mezes com que contentar *blcards* e anti-bloquistas, e, depois, quando a bancarrota, annunciada por um maioral monarchico, imperiozamente batêr á porta, os compradores do papel que façam d'ele buchas para entreter a barriga. Entretanto salvam-se as instituições... que felismente nos rejem, apanha-se vida regalada por mais uns dias—e leve o diabo tristezas.

Que já lá diz o vaudevillista:... qu'il fasse beau, qu'il fasse laid... Les portugais sont toujours gais.

O celaceo

Em jiria parlamentar é como se chama o orçamento. E' enorme, contenas de kilos de pezo em papelada, em cifras, e d'ahi a razão do titulo. Como documento do estado é pois o mais volumoso e alem d'isso é o mais importante: á roda do *Deve* e *Haver* jiram os maiores interesses de um povo. Devia pois sêr estudado, vagarosa e cuidadosamente revisto por uma analyze seria, e, depois, honradamente discutido verba por verba até á final votação na especialidade... do que se votasse. Pois o parlamento portuguez teve corajem de o engulir todo d'uma assentada,—aprovando-o numa sessão! Como quem se alivia de um fardo, assim o aceitaram os defensores do rejime, e salvo os republicanos, vedetas perdidas de uma moral que é caçada a tiro, salvo esses, ninguém lavou d'ahi as suas mãos... nem ao menos isso. O orçamento jeral do estado, o nosso rico d'heiro, o quinhão do pão nosso da labuta de cada dia, votado em menos tempo do que um rol de roupa domestico!

Quem está d'ahi a gritar?... «Aqui d'el-rei... ladrões!...»

Reis no exilio

Expulso da Persia, lá anda por terras da Russia o destronado e tiranico schah. Levou toda a sua vida de monarcha absoluto e cruel a perseguir a idea nova, e a enforçar os seus inimigos:—que assim chamava o Czar aziatico aos liberaes. Um dia, cançados estes de lhe sofrerem os caprichos e de pagarem á sua custa o prazer real pelos morticínios, um grande movimento de re-

volta abraçou o Iran inteiro. Batalhas, assédios, atos memoraveis de corajem, de decizão, de inquebrantavel tenacidade, ilustraram a historia das lutas persas pela liberdade, e o epilogo, ou final d'acto do drama, foi a entrada dos revolucionarios na capital do paiz e a prizaõ do tirano.

Vae ele agora a caminho de Odesa, onde acabará regaladamente os anos que tem a viver, graças á rica pensão que lhe garantiram aqueles seus vencedores, que se a sorte houvesse batido iriam parar á forca ou ás chamas devoradoras...

Até na adversidade—são afortunados e privilegiados os reis.

Projectos de lei

O deputado Feio Terenas apresentou ao parlamento um excelente trabalho propondo a creação de bibliotecas municipaes, a cargo e sob a jerencia das camaras, com uma subvenção pelo estado nos cazos e nas condições compatíveis com a excecional penuria da receita publica. E' um tanto extensa a proposta, motivo porque a não damos... alem de cá se saber em caza o interesse publico por estas coizas. Pois a proposta é d'aquellas que mereceria o mais favoravel acolhimento, e muito havia a lucrar com a sua votação em lei—mas lei com observancia.

Foi, porem, apresentada por um republicano, e consultados, alem disso os *afilhados*, viu-se que não estava ali nem uma necessidade de campanario, nem um beneficio de mão beijada.

Rejeitou-se, pois, para dar vez á votação da reforma dos jeneraes:—uma altissima questão publica.

ARA

HINO AO SOL

Eu te saúdo, ó Sol, belo astro amigo!
(Tão pontual ha tantos centos de anos)
Mais felizante que um broquel antigo,
mais dourado que o centro de tiranos:
Avé, heroica luz! viva e sonora,
vestindo o mundo, emquanto aos ceus erguidos,
as florestas extensas dão jermidos,
e o duro mar se chora!

Eu te saúdo, ó astro das batalhas!...
Porque atravez das cruas dissensões,
douras o pó que se ergue das mortalhas,
e levantas os nossos corações!...
E por isso, ainda hoje, e eternamente,
os românticos te hão-de a ti saudar,
e os tristes sempre irão á luz poente,
ver-te morrer no mar.

Tu és a Voz, a Cór, as Harmonias
acordam com as tuas claridades:
E's quem benze as aldeias e as cidades,
e quem fazes cantar as cotovias:
E's quem inspira extranhas theorias,
és forte, são, consolador, e bom
tem a lua silencios e elejas:
—Mas tu a Cór e o Som.

Eu te saúdo, ó astro dos guerreiros!...
Eterno confessor de madrigaes,
que desjelas os densos nevoeiros,
que alegras as sonoras capitães:

Que dás valor nos campos marciaes,
e força e amor aos aldeões trigueiros,
e que incitas os tigres carniceiros
a beber nos caudais!

Desde a Chaldea ás ermas solidões
tens tido cultos, templos levantados,
e velhos ritos barbaros sagrados,
e alegres, sensuaes relijiões:
Tu foste *Mithras*, nome cabalístico,
Baal, *Agni*, *Apollo* (invocações)
—E hoje Cristo—teu nome occulto e mistico—
ferre inda os corações.

Quem contará ó luz tuas bondades?...
e o amor no qual o coração abrasa,
e as tuas funeraes solenidades
á ideal palpação das azas?...
Quem nos livra das flexas do pecado?
Quem faz na intima terra o diamante?
Quem jera o monstro, a pomba, o lirio amado,
e a idéa extravagante?

Avé! pois, astro caro dos valentes...
da Força, Vida, Gloria, da Paixão,
a frexa d'ouro em corações ardentes,
astro amigo das lutas e da Acção!
Avé! e em dias crús de expiação,
vae e beija—nas hervas reluzentes—
os que morrem, vencidos combatentes,
—a espada inda na mão.

Gomes Leal.

Reforma eleitoral

Proposta do deputado João de Menezes

O deputado republicano João de Menezes apresentou hontem na camara a seguinte proposta:

Proponho que seja eleita uma comissão, na qual estejam representados todos os partidos e agrupamentos politicos da camara dos senhores deputados, a fim de elaborar um projecto de lei eleitoral moldado nas seguintes bases:

- 1.º Sufragio Universal;
- 2.º Elegibilidade de todos os cidadãos portuguezes, que tenham capacidade para ser eleitores;
- 3.º Organização do recenseamento eleitoal de cada freguezia por uma comissão eleita de dois em dois annos, directamente, por lista incompleta, e constituída por cinco vogaes effectivos e cinco suplentes.

Em cada concelho funcionará uma comissão revisora, constituída por tres vogaes eleitos pelo mesmo processo, um nomeado pelo juiz de direito e outro pela Camara Municipal.

Em Lisboa e Porto, haverá em cada bairro uma comissão revisora constituída nos mesmos termos da comissão concelhia.

As reclamações dos cidadãos serão julgadas publicamente, admitindo-se prova documental e testemunhal.

Das decisiões das comissões de concelho ou bairro, haverá recurso para o poder judicial, pedendo os recorrentes juntar documentos, apresentar testemunhas e fazer-se representar pelos seus advogados ou procuradores.

4.º Inscripção obrigatoria de

todos os cidadãos com capacidade eleitoral nos cadernos de recenseamento, pelo seu domicilio particular desde que tenham seis mezes de residencia no concelho ou bairro.

Carta de eleitor exigível em todos os actos da vida civil.

5.º Circulos plurinominaes com representação de minorias.

Nos circulos constituídos pelas capitães de districto será adoptado o escrutinio de lista completa, seguindo-se o principio da representação proporcional (v. g. Systema de Hondt).

Nos outros circulos adoptar-se-ha o systema de escrutinio de lista incompleta.

6.º Apresentação das candidaturas por um determinado numero de eleitores e publicação das respectivas listas na folha official oito dias antes do designado para a eleição.

O mesmo eleitor não poderá assignar a apresentação de mais de uma lista de candidatos.

Se qualquer candidato fór apresentado em mais de uma lista no mesmo circulo, será convidado a optar por aquella em que deseje ser mantido, no prazo de tres dias.

Na hypothese de falta de opção o juiz de direito, na presença dos signatarios das listas apresentadas, tirará á sorte a lista em que elle deve figurar.

As listas definitivas serão afixadas á porta das secções de voto em edital rubricado pelo juiz de direito.

Todas as listas serão impressas em papel com marca official, da mesma cor e formato.

Os candidatos, logo que estejam publicadas as respectivas listas na folha official, receberão até cinco dias antes da eleição documento reconhecendo a sua candidatura e consignando os seus direitos:

a) De fiscalizar as operações eleitoraes no circulo por onde fôrem apresentados;

b) De nomear, para os mesmos effectos, mediante procuração reconhecida pelo notario, os seus representantes junto de cada secção de voto.

8.º Os presidentes das assembleias eleitoraes e seus respectivos substitutos serão nomeados pelos juizes de direito, e tirados á sorte entre os cidadãos indicados pelos candidatos e na sua presença ou dos seus procuradores.

Os cidadãos nomeados para a presidencia das assembleias eleitoraes, assignarão no acto da nomeação, perante o respectivo juiz de direito um termo de responsabilidade, cujo duplicado será afixado á porta da assembleia a que elle presidir.

Os restantes membros das mezas eleitoraes podem ser nomea-

dos por commum accordo entre os candidatos das diversas listas apresentadas em cada circulo.

No caso de não ser possivel esse accordo serão nomeados pelos eleitores, considerando-se nula a eleição realisada na assembleia em cuja meza deirem de estar representados os candidatos de qualquer lista.

9.º Divisão dos circulos eleitoraes em secções de voto que nunca poderão conter um numero de eleitores superior a quinhentos.

10.º A carta de eleitor, exigível no acto da eleição, indicará o numero da secção em que elle está inscripto e o seu numero de ordem no respectivo caderno eleitoral.

11.º As eleições contestadas serão examinadas por uma comissão parlamentar cujo parecer, instruido com prova documental e testemunhal, será submettido ao voto da camara, em sessão extraordinaria, na qual comparecerão, para o discutir, os candidatos ou seus advogados.

12.º Em lei especial serão consignadas as garantias do eleito-

QUEM O SEU INIMIGO POUPA...

Tem para ahi colleado uma vida pouco limpa, explorando a ignorancia e a boa fé de muita gente, canalizando para fóra avultadas quantias, que bem podiam provêr ao allivio da miseria domestica, tem para ahi arrostado uma tenebrosa existencia, repetimos, uma pseudo-associação, *salesiana* por alcunha, e a nossa tolerancia, preguiça, tibieza, ou o que queiram chamar-lhe, tem deixado quasi sem protesto medrar essa tórpe exploração.

A cascavel, porém, levantou a cabeça, estirou a lingua bifida o tentou morder-nos. Isto veio abellar a nossa ingenuidade, pois aa autor d'estas linhas se afigurou sempre, que a restricta capacidade mental da direcção local do *energumeno* se não compadeceria com uma larga sementeira e consequentes prejuizos. Enganamo-nos, e se não acordassemos a tempo, colheriamos os amargos fructos do nosso injusto optimismo. Vamos ao caso.

Como quer que se levantasse um conflicto entre a Associação Salesiana e outra confraria,—conflicto, a que nos parece, que presidiu mais um ajuste de contas pessoases, do que o espirito liberal—e o nosso jornal beliscasse muito ao de leve a exagerada vulnerabilidade da reverenda creatura, que tange os *salesianos*, desencadeou-se uma tempestade de rancor e miseria.

O maioral, *travestindo-se* com

çado a Braga, vêr o que se passa. Estou sem vintem.

—Veja lá se o prendem, visconde —acautelou o abade.

—O meu dever é seguir a sorte de el-rei! Onde ele morrer, morro eu!

XII

O Cerveira Lobo saíra com o Zeferino, para Braga, na sexta-feira de manhã.

Estariam aqui até á madrugada de sabado, e partiriam então para a Povoia de Lanhozo, com os trez contos de réis repartidos em libras pelas aljibeiras dos dois. Além de um creado de velha librê, avivada de azul, de botas de prateleira e chapéu de sola, levavam bacamartes nos arções dos selotes, todos trez. Foram descanzar e jantar á hospedaria dos *Trez Amigos*.

O Cerveira vestia cazaca no trinquete, muito lustroza, e gravata de cambraia com laço; o peitilho postigo atado ao pescoço saía muito rijo da goma reles d'entre as lapelas debruadas do colete de veludo preto. A calça de pregas, ampla, á cavalaria, afunilava-se no artelho, quebrando no peito do pé. As botas de

polimento novas ranjiam e as esporas amarelas no tacão, com grandes rozetas, tilintavam num estardalhaço de cazerna.

Comprára chapéu de pasta com molas que faziam saltar a copa, e enchiam como uma bexiga, que parecia *pantomimice das comedias*, dizia o Zeferino.

As quatro horas o fidalgo de Quadros e mais o pedreiro sentaram-se á meza redonda. Já constava em Braga que estava ali o Cerveira Lobo que desde 1835 não saíra da casa solar de Vermuim. Alguns primos vizitaram-o; as familias leitimistas e principalmente senhoras velhas mandavam-lhe bilhetes.

Dizia ao Zeferino que o incomodavam tantas etiquetas, que estava morto por se safar, não estava para lerias; que as taes senhoras Sottomayores e as Peixotas e as Menezes deviam sêr mais velhas que a Sé—uns estafemos.

Ele segredava ao ouvido do Zeferino coizas, ratices suas em Braga, quando era rapaz.—Que fizera um destroço nas primas, tudo pelo pé do gato. Que pagára bem o seu tributo á asneira; e casquinava com

vaidade paparrêta, carregando-lhe a mão no verde. Quando entraram pelo assado entrou um tenente do 8 a contar a um amigo, que estava á meza, que chegára n'aquelle momento prezo ao governo civil, vindo da Povoia de Lanhozo, um maroto que dizia sêr D. Miguel, e ouvira dizer a um realista que o vira em Roma, havia trez annos, que se parecia bastante com elle.

O Cerveira erguera-se num grande espanto indiscreto a olhar para o official que o ficára com uma curiozidade ironica.

Converjiram todos os olhares para o homem das barbas respeitaveis. Quedou-se momentos n'aquelle spasma, num tremulo, e perguntou:

—E é com effeito o snr. D. Miguel esse homem que chegou prezo?

—Ele diz que é—respondeu o tenente. Veremos o que se averigua no governo civil.

—Na falta do verdadeiro D. Sebastião, appareceram trez falsos—disse emphaticamente um professor de latim, com um sorriso pedante. O Cerveira olhou-o de esconso, e saíu da meza, seguido do Zeferino, muito enfiados ambos.

—Está tudo perdido—disse do-

lentemente o fidalgo—El-rei prezo!... E não se levanta este Minho a livral-o!... Vamos vê-lo, quero vêr se lhe posso falar. Dentro de trez dias entro em Braga com dez mil homens e arrazo a cadeia.

Fez saltar a copa do chapéu de molas e saíu para a rua, a bufar.

O Campo de Sant'Ana parecia um arraial. Aglomeravam-se ali as duas Bragas—a fiel, a caipira, pleitorica de fidalgos, de grandes proprietarios, conegos, de chapeleiros e da clerezia miuda;—a liberal, muito anemica, encostada ao 8 de infantaria, toda de bachareis e empregados publicos, o Manso, o Melo Cavacão, o Mota, o Rocha Veiga, o Alves Vicente; negociantes de tendas mesquinhas, professores muito retóricos, o Capela, que ensinava francez, o Pereira Caldas soneteiro e poligrafo, o velho Abreu, bibliotecario, lacrimozo, o Pinheiro, muito grande, filosofo sensualista, mas bom vizinho, todos á volta do Montalverne, um conego muito asanhado, que foi, mezes depois, comandante da brigada dos Serezinos.

(25) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Quando a escolta se formou fóra do portão e o prezo entrou ao centro, com a fronte majestosa abatida e os bracos cruzados, levantou-se na residencia um choro como á saída de um defunto muito querido. Eram a cozinheira e a outra creada, num arrancar de soluços, enquanto o abade afogava os gemidos com o rôsto apanhado nas mãos. O povo da aldeia, com um grande terror da tropa, espreitava de longe por entre as arvores e de traz das paredes. O Torquato Nunes Elias, acordado pela mulher que recebera a nova da prizaõ, saltara da cama, e correrá á residencia, perguntando ao abade se el-rei tinha levado as peças das Botelhas de Braga.

—Que sim, que levára; pudera não levar!

—Pois então, abade, empreste-me ahi meia moeda, que eu vou disfar-

as ricas vestes prelaticias, começou a pontificar de casa, despedindo as *conegas* e *acolytas* a ferir a porta dos nossos assignantes, para que el'os suspendessem a assignatura sob pena de serem relegados ás profundas do Inferno. Não nos indignou o caso, porque só nos infundem profunda magua todas as miserias mores.

O acto, poré n, apesar de rancoroso e mesquinho, podia ainda ter o valor da lucta franca e leal; mas nem isso. Commetteu-se a cavillosa vilania de fazer assignar bilhetes postaes em *branco*, occultando-se o fim a que se destinavam e escrevendo-se depois o que se queria. Eis uma amostra:

....Snr....

«Li ha dias no seu jornal «A Patria» um artigo contra ou de ataque á Associação Salesiana e sobre tudo á sua escola de tanto bem fazendo ás creanças pobres d'aqui e isto já não é a primeira vez; por isso bastante amargurado resolvi não ser mais assignante de tal jornal e o meu exemplo será seguido por outros descontentes como eu.

Ovar, 5 de setembro de 1909.

F....

Occultamos o nome do signatario, que foi logrado na sua boa-fé e nada queria, do que acima fica. Pelaunctuosidade e falta de grammatica, que rigorosamente conservamos, vê-se o d'êio do pontifice maximo.

O procedimento não carece de commentarios para resultar repellente. E não ha mudar de processos para a jesuítada!

Sempre toupeiras!

* * *

Agora ao snr. administrador do concelho. Ha denuncias, que, longe de deprimirem o caracter de quem as faz, o exaltam, pois supõem n'elle a virtude de se interessar pelo bem colectivo. Quando se vê uma sociedade a sêr explorada tôrpe e ilegalmente, é meritorio denunciar a exploração á auctoridade competente para a reprimir.

Ora a *associação salesiana* não tem existencia legal; vive sem estatutos, nem presta contas da farta colheita, que ahi vaee fazendo. Ao snr. administrador incumbem a obrigação de intervir, dissolvendo-a ou intimando-a a legalisar-se, se as leis o permittem.

Não invejamos

o processo...

«A Discussão» mette empadão indigesto no seu artigo do fundo só para chegar a dizer mal dos deputados republicanos e do ideal que representam. Chorando as desgraças da Patria á força de espremer cebola na vista amaurotica, o tal artigo é uma flagrante manifestação da *anti-republicanite* aguda, que molestou o collega após a tragedia de fevereiro.

Ouvindo dizer, que se não devem contrariar muito as doencas nervosas, temos deixado passar sem reparo muitos dos symptomas pela generosa consideração de que ao collega conviria a sua livre exteriorização e a nós nenhum mal faziam.

D'esta vez, porém, é manifesto o proposito de deturpar os factos e alterar a verdade, pois toda a gente conhece o enorme esforço, que os deputados republicanos tem posto nas discussões parlamentares, a sincera e valiosa cooperação, que tem offerecido para sanear a legislação, e a nobre e irreductivel intransigencia, que tem mantido para obstar ao augmento de despesas com projecticulos de *campanario*. Toda a gente leu as terminantes declarações da minoria republicana a proposito do orçamento; toda a gente, imparcial e justa, louva a sua altiva attitude em S. Bento, coroada com o bello gesto de sabbado passado.

Só «A Discussão» na sua reincidente amaurose, finge não vêr o grande sacrificio, que tem feito os nossos illustres correligionarios em estarem a esterilizar o seu trabalho n'um parlamento submisso e na

grande maioria incompetente! Ora pois! Pobre politica.

Temos mantido, e desejamos conservar-as, boas relações com o collega «O Ovarense», e por isso queremos crêr, que só por não ter lido albergou nas suas columnas um acervo de desconchavos, insultos e falsidades, n'uma linguagem de alfurja, dictados pelo rancor ou cercidos pela supina ignorancia de quem mais não pôde dar, contra o nosso humilde semanario. Nunca nos passou pelo espirito *deser* a uma resposta, e, se ao caracteristico caso nos referimos, é para prevenir o collega, que de certo sem motivo nos não quererá offender. Apraznos a discussão larga, viva, violenta até, mas em termos. A covardes, que se acobertam sob o anonymato para dejectar injurias soeses, só podemos responder com o *fueiro*, que subscreve a immundicie, quando saiam da sombra.

Não foram satisfeitos os *bons desejos* da reacção; até agora não temos nenhuma devolução de *encomenda jesuítica*.

Alma Humana

O mar e o coração teem pontos de semelhança—um tão vasto que cerca a terra com as suas aguas profundas, e o outro tão estreito que cabe na pequenez de um peito, ambos desproporcionadissimos na extensão, mas, ambos, pares no sentido intimo, secreto, no destino inconstante, na ambição indomita, no desejo louco.

O mar e o coração teem concordancias extranhas, curiosas mesmo, e flagrantas. As tempestades, entre outras... Eu tenho visto a agua unida, chan, morna, placida; e sem o mais leve pretexto, sem vento, sem turbilhão, sem neblina, sem o mais leve indicio de mau humor, gradativamente e como n'uma velocidade de epilepsia, com um crescendo de orquestra nos grandes espetaculos do Som, rapido, brusco, rude; eu a observo transformando-se em abismo, em procela, em terror e pavor da costa que ela açouta, que ela lacera, que ela fustiga!

E o coração! eu tenho-o sentido sereno, transparente como um cristal sem falha, dezanuveado como um ceo estival translucido, calmo; fruindo em repouso o encantamento da vida. E sem que nada lhe enrugue a virgiliana serenidade, a adolescente alegria, sem um motivo, sem um pretexto, sem uma desculpa, eil-o transtornado, eil-o torvo, violento, batido de tempestades horribes, de lutas acerbadas, de flucos e refluxos loucos.

Os porquês... Ide perguntar ao mar porque se transforma de elemento aprazivel, benevolente, em cemiterio de homens e rédes; assim de repente, assim inesperadamente, assim insolitamente!... Ide, vae tu, minha boa e doce como uma estrelinha bendita, vae tu, pergunta. «Porque seria?» E o velho oceano que tem visto tudo, o velho oceano que tudo tem vivido, que tudo vive—visto que tudo foi outrora, e ainda agora é tudo—; esse, dir-te ha que não sabe, dir-te ha na sua rudeza sem pedantismo, sem mentira, que o que acontece é superior a nós, é fora de nós, é incompreensivel para a nossa vista, sendo, essencialmente—nós mesmos.

As tempestades do coração, as tempestades do mar...

De quantas se lembra a jenta, e, afinal, de quão poucas conhece a historia secreta! Quantas eu, tu, todos nós, temos visto estalar-nos no peito, dar-nos o paroxismo da desesperança, da raiva; e afinal, assestado o tumulto, olhamos e tudo aquilo—não era nada. Aquela de ha tempos, de um dia mão, por este verão hostil, fustigante, que felizmente está a passar d'esta, a esticar o pernil. Porque foi justos céos, e como caiu tão de chofre sobre a nossa felicidade em avance? Não o sei, como o oceano não sabe tambem

Centro Escolar Republicano de Ovar

Desde hoje até ao dia 12 de outubro proximo aceita-se na sede do Centro a inscrição de matricula de alunos para os dois cursos gratuitos de instrucção primaria—diurno para creanças e noturno para adultos—cursos que funcionarão neste Centro desde o dia 15 de outubro rejidos por professor da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus.

Podem, ainda, as pessoas que desejem matricular-se declarar-o, ao signatario, e aos cidadãos Manoel Augusto Nunes Branco e Fernando Artur Pereira.

Ovar, 12 de setembro de 1909.

O secretario da direcção,

Luiz Ferreira Neves.

aquellas de que enferma, aquellas que o formam rude, dezamoravel, injusto. Não o sei, debruço-me sobre mim mesmo, esquadriho, e afinal reconheço que em tudo não houve mais que uma sombra, e que todo esse escarceu que, estupidamente, estragou o mais bello, o mais fino tempo da vida, não valia, positivamente, como realidade, cousa nenhuma.

Os olhos negros bem m'o diziam, pacificadores, suavissimos; os olhos negros que adivinham, que leem dentro da jente.

Mas o mar e o coração teem pontos de semelhança, concordancias que maravilham; as tempestades do mar, as tempestades do coração.

Minusculus.

CHRONICA AGRICOLA

LI

Forragens—a beterraba

Um dos problemas que mais preoccupam o lavrador, como já mais d'uma vez tenho dito, é obter durante o anno forragem verde para os animaes.

Sobretudo para as vaccas de leite, a falta d'ella é prejudicial porque diminue consideravelmente a sua produção e é principalmente por esta que ellas se exploram.

Tudo o que seja contribuir para obviar a esse inconveniente, remediando-o ou, pelo menos, diminuindo-o, é prestar um bom serviço ao lavrador.

Entre nós, todos lamentam a falta de verde em certas epochas, sem todavia dar um passo para a remediar.

Salta aos olhos que se deve procurar cultivar plantas que se desenvolvam em epochas diferentes, d'entre as que são proprias para alimentação do gado; assim teremos menor palha.

Ha plantas que duram varios annos, dando muitos côrtes em cada anno, como a luzerna e o sanfêno; são, tambem, muito de considerar, e d'ellas tratarei em outra chronica.

Hoje fallarei da *beterraba*.

A *beterraba* semelha-se ao nabo, é de raiz penetrante, indo portanto buscar os seus alimentos ás camadas mais profundas da terra.

Já isto a torna recommendavel para se cultivar, sem nova estrumação, após uma cultura que tenha exgotado a camada mais superficial.

Mas sobretudo o que mais a recommenda é a magnifica e saborosa alimentação que ella fornece e que augmenta a produção de leite.

Uma vacca alimentada a verde e que em dois dias seguidos fór alimentada com *beterraba*, produziu no primeiro dia mais 4 quartilhos e no segundo mais 6 quartilhos de leite, do que quando a não comia.

E' de calcular pois os lucros que trará a alimentação racional d'uma vacca quando predominar n'ella a *beterraba*.

Todas as terras proprias para o milho e que tenham agua ou não sejam extremamente séccas, são proprias tambem para a cultura da *beterraba*.

Elia prefere os climas frios aos muito quentes e é excessivamente rustica, sobretudo depois de lançar as primeiras quatro folhas.

Convém não adubar o terreno na occasião da sementeira sobretudo com adubos organicos porque isso faz com que a raiz se divida, o que é prejudicial.

O melhor e mais economico é semente-a em terra que tenha já produzido outra colheita, assim como é preferivel o emprego dos adubos chemicos aos organicos mesmo bem curtidos.

O terreno deve ser bem mobilizado e bem fundamente; quando isto se faça com charrua devem-se fazer duas lavoutras cruzadas e bem fundas, sendo uma por exemplo na direcção norte-sul e a outra de travez—de nascente a poente.

Pode semente-se logo onde tem de ficar ou semente em alfobre para transplantar quando tiver 4 folhas. E' preferivel o primeiro systeme

ma porque ellas desenvolvem-se sempre melhor e mais rapidamente.

A sementeira pôde fazer-se a lança ou em linhas; no primeiro processo gasta-se muita semente sem vantagem nenhuma. O melhor é, pois, semente-a em linhas a 2 palmos umas das outras, e mondál-as depois de nascidas, deixando d'umas ás outras em cada linha, 35 a 40 centimetros. Sachas repetidas, amontoando a terra sobre as linhas e regas quando o terreno esteja muito sécco são os cuidados que a *beterraba* exige.

Pôde colher-se-lhe a folha, que os animaes comem avidamente; mas ha quem diga que isso faz diminuir a colheita da raiz que é a parte mais alimentar.

A sementeira deve ser superficial e faz-se em março, abril ou maio; nasce dentro de 15 dias.

Esta planta tão util, tem, todavia, numerosos inimigos, quer animaes, quer vegetaes.

Entre aquelles temos a *Silpha opaca* e a *obscura*, lagartas que lhe roem as folhas ainda em novas, sendo necessario fazer sementeiras temporas para escaparem; a *Atomaria linearis* que rõe a semente e fura as plantas novas como o *cancer* faz ao milho, aconselhando-se como para este a adubação com nitrato de sãnde para fazer crescer rapidamente a planta e fugir assim aos seus effeitos; a *Noctua segetum* cuja lagarta abre nas *beterrabas* fundas galerias; a *Tinha da beterraba* (*Lita ocellatella*) que ataca todas as partes da *beterraba*, a *mosca da beterraba*, etc.

Ha tambem nas vegetaes a *Uromyces betae* que se conhece por umas pustulas negras que apparecem nos peciolos e folhas que se devem arrancar e queimar e a *Helminthosporium rhizotonon* que forma nas folhas umas manchas lizas e escuras; esta cryptogamica ataca de preferencia as raizes apodrecendo-as e mais nos terrenos humidos aconselhando-se por isso a drenagem.

A *beterraba* deve colher-se até novembro, conservando-se todo o inverno em logar secco, arejado e com pouca luz.

A semente deve colher-se quando bem madura, secando-as á sombra.

Dá-se ao gado depois de lavada, partida aos bocoados, sendo magnifica para vaccas de leite e bois d'engorda.

Ao gado de trabalho torna-o indolente.

* * *

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passa hoje seu anniversario natalicio o nosso querido amigo e correligionario Ernesto Zagallo de Lima, intelligente pharmaceutico d'esta villa.

N'um abraço o felicitamos.

Na igreja parochial baptisouse solemnemente no dia 14 uma filhinha do nosso illustre amigo dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Foram padrinhos a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Rita Estevão Aralla e o nosso prestimoso amigo dr. Domingos Lopes Fidalgo.

Regressou das Pedras Salgadas com sua gentil filha o snr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa.

Encontram-se no Furadouro com suas familias, a uso de banhos, os snrs. dr. Salviano Pereira da Cunha, major Anthero de Magalhães, Antonio Gaioso de Penha Garcia e Antonio Soares de Souza.

Encontra-se n'esta villa, de visita a sua respeitavel familia, o snr. Antonio Aralla Pinto.

Tambem se acha ha dias entre nós o nosso amigo Luiz de Mello Freitas Pinto.

Musica no Furadouro

Reconhecida pelos bons officios que lhe tem prestado os seus socios auxiliares e não podendo manifestar-lhes d'outra forma a sua gratidão, resolveu a considerada philharmonica ovarense fazer-se ouvir na praia do Furadouro no proximo domingo, 19 do corrente, de tarde, offerecendo-lhes essa diversão.

E' de louvar a resolução da afamada banda, proporcionando este passatempo á praia, tão falha de iniciativas para o seu engrandecimento e bom nome.

Consta que uma commissão de banhistas, aproveitando a estada da musica na praia, projectam augmentar a festa com alguns divertimentos, a saber: corridas d'argolinha, de bicycletas, mastro de *cocagne*, etc.

Mais nos consta que no domingo immediato tenciona a mesma commissão organizar novas diversões, entre ellas um gracioso e pittoresco cortejo infantil.

Bom é que a iniciativa particular alguma coisa faça da infeliz praia, mesmo sem o dinheiro dos *Pachecos*...

Inspecções

Concluíram-se sabbado os trabalhos d'inspecções aos mancebos recenseados pelas freguezias d'este concelho para o serviço do recrutamento do exercito e armada, tendo dado o seguinte resultado nos ultimos quatro dias:

Dia 8:

Vallega—Apurados definitivamente, 35; para a 2.^a reserva, 1; temporisados, 5; isentos, 8; aptos nos termos do art.^o 79.^o do regulamento por não comparecerem, 8.

Dia 9:

Vallega—Apurados definitivamente, 3; aptos pelo dito art.^o 79.^o, 1;—e *Ovar*—Apurados, definitivamente, 23; condicionalmente, 1; temporisados, 3; isentos, 15; aptos pelo art.^o 79.^o, 7.

Dia 10:

Ovar—Apurados definitivamente, 26, sendo 2 para a 2.^a reserva; condicionalmente, 2; temporisados, 1; isentos, 12; aptos nos termos do art.^o 79.^o, 17.

Dia 11:

Ovar—Apurados definitivamente, 12; condicionalmente, 3; temporisados, 1; isentos, 11; aptos pelo art.^o 79.^o, 13; e *Maceda*—Apurados definitivamente, 7; condicionalmente, 1; isentos 8; aptos nos termos do art.^o 79.^o, 2.

ANNUNCIOS

Agradecimento

Antonio Augusto Freire de Liz e mulher, sogros e paes agradecem, muito reconhecidos, a todas as pessoas que os cumprimentaram por motivo do fallecimento de sua querida filha e neta Maria Amelia.

Ovar, 7 de setembro de 1909.

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

COM

Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO

TANOARIA

Commissões

End. Teleg.—CARRELHAS

Rua das Figueiras

OVAR—Portugal

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.
Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis
2.ª » 15 » 1\$350 »

BAIRRADA

1.ª qual., 15 kilos. 1\$300 »
2.ª » 15 » 1\$250 »
3.ª » 15 » 1\$200 »

Batatas, 15 kilos 400 »

Centeio 20 litros 740 »

Fava, 20 litros 750 »

Farinha de milho, 20 litros . 840 »

» trigo, 1.ª qual. kilo. 103 »

» 2.ª » 93 »

» cabecinha 62 »

» semente superfinha. » 40 »

» grossa 38 »

Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280 »

» branco, 20 » 1\$220 »

» mistura, 20 » 960 »

Milho branco, 20 » 800 »

» amarelo, 20 » 700 »

Ovos, duzia 140 »

Tremço, 20 litros. 380 »

Azeite, 1.ª qual. litro. 300 »

» 2.ª » 270 »

» 3.ª » 260 »

Alcool puro, 26 litros. 6\$500 »

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380 »

» bagaceira, 26 litros. 2\$730 »

» figo, 26 litros 1\$950 »

Geropiga fina, 26 litros . . . 2\$080 »

» baixa, 26 » 1\$430 »

Vinho tinto, 26 litros. 750 »

» branco, 26 » 900 »

» verde, 26 » 900 »

Vinagre tinto, 26 » 700 »

» branco, 26 » 900 »

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:306\$010 réis

Companha do Socorro—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:012\$520 »

Companha S. José—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:588\$510 »

Companha S. Pedro—Rendimento de janeiro a maio de 1909 681\$990 »

Companha S. Luiz—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 »

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o pezo de . . . kilos

.... Vitelas, » » » » » » »

.... Porcos, » » » » » » »

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. . . 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção 5 »
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
» cada 20 gr. ou fracção . . . 30 »

Bilhetes postaes: cada 20 »

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 réis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES
De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10
» 10\$001 » » 50\$000 » . 20
» 50\$001 » » 100\$000 » . 30
» 100\$001 » » 250\$000 » . 50
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50
Valor não conhecido ou declarado. 500
Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias
De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
» 20\$001 » » 50\$000 » . 50
» 50\$001 » » 250\$000 » . 100
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de praso
De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
» 20\$001 » » 40\$000 » . 40
» 40\$001 » » 60\$000 » . 60
» 60\$001 » » 80\$000 » . 80
» 80\$001 » » 100\$000 » . 100
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
» 20\$001 » » 100\$000 » . 100
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro—Angelo Zagallo de Lima.

Commandante—D. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 »

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta. 6 »

Bairro d'Arruella até á Poça. 7 »

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8 »

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral. 9 »

Estação e Pellames. 10 »

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
Ribeira. 12 »
Assões—Granja e Guilho-vae. 13 »
Furadouro. 14 »
Para cessar—3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção—Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro—Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario—Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico—Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente—Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria—D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespanol».

José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.ª Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa—Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo—Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira—Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor—Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYS DO PORTO A OVAR E AVEIRO DESDE 15 DE MAIO

Comboys	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	8,45
Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49	2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7,1	9,55
Esmoriz	6,36	7,35	8,16	—	11,2	3,11	—	4,39	—	6,31	7,18	10,4
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,45	—	6,37	7,24	—
Carvalhara	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,52	—	6,43	7,31	—
AVARO	6,58	7,50	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,42	10,24
Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,49	—
Avanca	—	8,1	—	—	11,35	—	—	—	—	—	7,56	—
Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16	—	4,40	—	6,14	—	8,37	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboys	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,44	—	—	11,3	2,5	—	—	5,34	—	9,56	10,29
Avanca	4,37	—	—	—	11,42	—	—	—	6,12	—	—	—
Vallega	4,43	—	—	—	11,48	—	—	—	6,17	—	—	—
AVARO	4,51	6,24	7,20	10,20	11,57	—	4,8	5,35	6,27	7,25	—	11,12
Carvalhara	5,2	—	7,31	10,31	12,8	—	4,19	5,46	—	7,36	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,36	12,13	—	4,24	5,51	—	7,41	—	—
Esmoriz	5,13	6,38	7,42	10,42	12,18	—	4,30	5,57	6,42	7,47	—	11,36
Espinho	5,30	6,47	7,59	10,59	12,34	2,39	4,47	6,14	6,55	8,4	10,35	11,36
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,58	1,47	3,18	5,50	7,15	8,1	9,4	11,16	12,24